

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONGRESSO NACIONAL DE FILOSOFIA, 1.º. VISITA AOS MUSEUS GUIMARÃES E RECEPÇÃO NO PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA. SESSÃO DE ESTUDOS NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

(sem indicação de autor)

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Congresso Nacional de Filosofia, 1.º. Visita aos Museus Guimarães e recepção no Paço dos Duques de Bragança. Sessão de Estudos na Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jun. 1955, p. 183-191.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

I Congresso Nacional de Filosofia

Visita aos Museus de Guimarães e recepção no Paço dos Duques de Bragança. Sessão de Estudos na Sociedade Martins Sarmento.

Extraímos do «Comércio do Porto» de 12-3-1955 a seguinte notícia:

«A tarde de ontem, estava destinada pelo Congresso a Guimarães. Acompanhados pelo Chefe do Distrito, Sr. tenente-coronel Nery Teixeira e pelo Presidente da Câmara, Sr. António Santos da Cunha, os congressistas, transportados em auto-carros, chegaram a esta cidade pouco depois das 15 horas, e dirigiram-se à Sociedade Martins Sarmento, onde eram aguardados pelos Srs. coronel Mário Cardozo, dr. Augusto Ferreira da Cunha e Alberto Vieira Braga, da Direcção daquela Colectividade, pelo Sr. dr. José Catanas Diogo, vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal, e por outras pessoas.

Trocados cumprimentos, iniciou-se a visita à Instituição, tendo sido admiradas por todos os congressistas as colecções que tornam o Museu da referida Sociedade um dos mais valiosos do país.

Seguiu-se a visita à Igreja da Oliveira e ao Museu de Alberto Sampaio, onde as peças de arte religiosa, o célebre altar de Aljubarrota, o pelote de D. João I, a colecção de faianças portuguesas, etc., mereceram demorada atenção.

Os congressistas estiveram, depois, na capela de S. Miguel do Castelo, onde foi baptizado D. Afonso Henriques, e seguidamente no Castelo.

Concluídas estas visitas, reuniram-se os congressistas no Paço dos Duques de Bragança, onde teve

lugar a recepção oferecida, num ambiente de fidalga e requintada gentileza, pela Câmara Municipal de Guimarães.

Além das individualidades que acompanhavam os visitantes desde a Sociedade Martins Sarmento, juntaram-se-lhes os srs. dr. Castro Ferreira e dr. Júlio Soares Leite, membros da Câmara; dr. Joaquim de Oliveira Tomás, representante do reitor do Liceu; João Rodrigues Martins da Costa, presidente da Comissão da União Nacional; rev. Simões de Almeida, director do Internato Municipal; prof. rev. Avelino Borda; o Comandante da G. N. R.; António Emílio da Costa Ribeiro, presidente do Grémio do Comércio; dr. Valdemiro Ferreira Lopes, Juiz da Comarca; Comandante dos Bombeiros Voluntários, etc.

No salão principal do Paço, foi então servido um lanche, pretexto para amiga confraternização.

O sr. dr. José C. Diogo, dirigiu aos congressistas vibrantes saudações, cumprimentou na pessoa do sr. António Santos da Cunha, (em quem o Chefe do distrito, que se retirara momentos antes, delegou a sua representação) o Governo da Nação, que ao restauro do Paço dos Duques de Bragança tem dedicado especial carinho, e saudou o presidente da Câmara de Braga, que tanto tem trabalhado pelo estreitamento da amizade entre as duas cidades vizinhas, e que na sede do Distrito tem realizado uma obra admirável. Também dirigiu saudações ao reitor da Faculdade de Filosofia de Braga, aos representantes do Instituto de Alta Cultura e das Universidades, e, de um modo geral, a todos os congressistas.

Salientou que, em Guimarães, terra que, através da Sociedade Martins Sarmento, tem um lugar marcante na vida cultural portuguesa, ensinou frei Diogo de Murça, e que, da sua insigne Colegiada, fez parte o sábio Pedro Hispano, que mais tarde ocupou a Cadeira de S. Pedro, com o nome de João XXI.

Terminou, testemunhando, em nome da Câmara de Guimarães, o reconhecimento da cidade, pela honra que os congressistas lhe conferiram com a sua visita.

O sr. António Santos da Cunha, agradecendo, disse, que era sempre com emoção que entrava em Guimarães, velho santuário da Pátria, que bem mere-

ceu, pelos seus títulos de nobreza, a visita do Congresso. Disse que a cidade afonsina, pelos seus valores espirituais, e entre eles merecia destaque a Sociedade Martins Sarmiento, ocupava uma posição brilhante na cultura nacional. Concluindo, afirmou o seu contentamento por lhe ter sido dada oportunidade de usar da palavra naquele lugar, no Paço dos Duques de Bragança, padrão de grandeza da nossa Pátria.

Por último, falou o magnífico Reitor da Faculdade Pontifícia de Filosofia de Braga, prof. dr. Lúcio Craveiro da Silva, que pronunciou o seguinte discurso:

As palavras acolhedoras de Vossa Excelência, Sr. Representante da Câmara Municipal de Guimarães, encontraram eco nos nossos corações pelo alto espírito de distinção que as ditou e por interpretarem o sentir desta veneranda cidade. Celebrando, neste congresso, a filosofia portuguesa, não podíamos deixar de vir embalar as nossas esperanças no berço das origens de Portugal. Todo o organismo vivo encontra nas energias do passado, as possibilidades do futuro; se desejamos, portanto, que o nosso pensamento progrida, precisamos de conhecer o lugar das nossas origens para melhor compreendermos o segredo da nossa História. Um pensamento que pára na sua evolução, esmorece e decai; se retrocede, morre; mas se continua a desenvolver o germe que o estrutura e anima, ganha têmpera, escola e profundidade, e espraia-se profundo e progressivo no futuro.

Por isso ficamos cativados com o fidalgo convite da Câmara de Guimarães, que V. Ex.^a muito dignamente representa, para nos deslocarmos a esta histórica cidade, onde porfiam os monumentos e a natureza, a história e a técnica, a realidade e os símbolos. Cidade antiga, com a Torre de Mumadona; cidade fidalga, com este Palácio dos Duques de Bragança; cidade da fé, com a Colegiada da Senhora da Oliveira; cidade de beleza, com a Penha; cidade empreendedora, com a sua florescente indústria; cidade douta, com a Sociedade Martins Sarmiento.

Eis as lições que viemos aprender. E para que estas lições se nos gravem com mais facilidade

e encanto, toda esta maravilhosa cidade está cercada por natureza rica de vinhedos e paisagem a emoldurar os corações fidalgos e generosos dos seus habitantes.

Interpretando, por isso, os sentimentos que neste momento animam a todos os congressistas, peço a V. Ex.^a para transmitir à Ex.^{ma} Câmara o nosso mais sincero reconhecimento e a toda a cidade as nossas mais comovidas saudações.

A sessão de estudos na Soc. Martins Sarmento

O salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, encheu-se de congressistas e com diversas individualidades vimaranenses de destaque, para a sessão que ali ia ter lugar.

Presidiu o sr. coronel Mário Cardozo, ladeado pelos srs. dr. Lúcio Craveiro da Silva e António Santos da Cunha.

O presidente da Sociedade Martins Sarmento, abrindo a sessão, pronunciou as seguintes palavras:

Senhores Congressistas:

É com justificada satisfação e orgulho que a Sociedade Martins Sarmento recebe hoje no seu salão nobre a Vossas Excelências, ilustres participantes deste I Congresso Nacional de Filosofia, organizado, com o patrocínio da Câmara Municipal de Braga, pela douta Faculdade Pontifícia de Filosofia da mesma cidade, que nesta Casa vimaranense quis realizar uma das suas sessões de estudo, cujo início vai ter lugar dentro de alguns momentos.

Podemos dizer que já quase revestem o carácter de uma tradição as visitas a esta Instituição cultural de participantes em vários Congressos Nacionais e internacionais efectuados no nosso País, os quais incluem frequentemente nos seus programas uma excursão à cidade de Guimarães, tão característica pelos seus aspectos etnográficos, como evocadora de um glorioso passado através dos seus curiosos monumentos architectónicos.

Para quem realize este passeio, de recreio e de estudo, é pois lugar obrigatório de visitantes esta veneranda Sociedade, fundada há 73 anos em honra de Martins Sarmento, prestigioso Nome de um filho de Guimarães que foi também sábio investigador de ressonância europeia. Por vezes, quando



1 Congresso Nacional de Filosofia

O Presidente da Sociedade Martins Sarmento lendo o discurso de abertura da Sessão de Estudos realizada no salão nobre desta Instituição, no dia 11 de Março de 1955.

o tempo e a obediência aos programas desses Congressos o consentem, é igualmente da praxe, após uma rápida sucessão de imagens e de impressões colhidas em peregrinação pela cidade e pelos nossos museus, uma romagem às ruínas arqueológicas de Briteiros, a «*Meca*» da Proto-história do Noroeste da Península, como lhe chamou um ilustre Arqueólogo espanhol.

Deste modo se efectuou, em 1880, a visita de um notável grupo de congressistas nacionais e estrangeiros, que faziam parte do IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas, nesse ano reunido em Portugal. Cincoenta anos mais tarde, novamente outros congressistas da mesma reunião internacional, então a XV, nos deram a honra da sua visita a Guimarães, a esta Sociedade e à famosa Citânia de Briteiros. Vinte anos após, em 1950, partiu da vetusta cidade de Braga a iniciativa da vinda até esta Casa dos ilustres participantes do memorável Congresso, então ali promovido, com motivo da passagem do XIV Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península, realizando-se, neste mesmo salão em que ora nos encontramos, uma brilhantíssima sessão de trabalhos. Em 1952, foi a Comissão organizadora do IV Curso das Semanas Sociais Portuguesas a promotora, nessa ocasião, da vinda aqui de alguns dos seus conferencistas, que nos facultaram magníficas lições, numa outra grandiosa sessão de estudos, de larga projecção educativa. No ano imediato, visitaram-nos os Congressistas do III Congresso Nacional Espanhol de Arqueologia, debatendo-se nesta sala alguns problemas interessantes das nossas antiguidades. Finalmente, meus Senhores, continuando esta brilhante série de trabalhos culturais que na nossa Instituição vêm sendo realizados, temos hoje a honra de receber V.^{as} Ex.^{as}, doutos participantes do I Congresso Nacional de Filosofia, que aqui nos vão dar a conhecer algumas das suas importantes Comunicações, de harmonia com o temário estabelecido.

Elevada honra e distinção quis, portanto, a Cidade de Braga conceder novamente a esta Instituição de Cultura intelectual e científica, que eu tão apagadamente represento. Confesso honestamente a Vossas Excelências que, no espinhoso desempenho do meu cargo dentro desta Colectividade, nunca me senti tão pouco à vontade e em situação tão embaraçosa como a deste momento, em que, pela ilustre Comissão organizadora do Congresso de Filosofia, me foi confiado o encargo de presidir a esta sessão. Eu bem compreendo que não sou, neste lugar, mais do que uma figura de representação, que, por forçoso dever da sua posição nesta Casa, aceita uma honraria conferida à Instituição cultural a que preside. Eu bem reconheço que não posso aqui desempenhar, como aliás deveria, um papel de activa discussão, nem constituir-me em censor das teses que aqui vão ser apresentadas, e cuja apreciação se impunha ser feita deste lugar. Mas, seja-me por Vossas Excelências perdoada a incompetência de não saber *filosofar*, no sentido elevado e transcendente do conceito de Filosofia.

É verdade que, dentro de modestos limites, a faculdade de filosofar é atributo próprio do homem, desde que a luz da razão iluminou a sua inteligência. Mas sejam quais forem as escolas ou sistemas filosóficos em que o nosso raciocínio se debata, por mais diferenciados ou antagónicos que pareçam, sempre obedecem à mesma torturante ansiedade de tentarmos compreender o mundo em que existimos e nos movemos, os princípios, as causas e as finalidades da nossa existência. E contudo, do nosso filosofar, sempre a insatisfação e a dúvida hão de acompanhar o pensamento humano, porque nenhum critério filosófico poderá jamais desvendar-nos o eterno mistério das origens, os segredos insondáveis das forças que regem a harmonia do Cosmos, o infinito abissal do espaço e do tempo!

Eu creio para mim que só existe uma filosofia que possa acalmar a inquietação do nosso espírito: o refúgio da nossa inteligência e da nossa fé no seio imenso de Deus, o supremo Criador dos mundos. Só esta filosofia, que não pretende orgulhosamente explicar o indecifrável e o inacessível à razão humana, a filosofia do Cristianismo, prègada pelos grandes filósofos da Igreja, entre os quais refulgem Santo Agostinho e o Doutor angélico, S. Tomás de Aquino, pode dominar a ansiedade que tortura o homem, perante a sombra aterradora da Eternidade e do Infinito.

Mas longe de mim, Senhores Congressistas, tentar abordar, ao de leve que seja, a profundidade das ideias em que Vossas Excelências são homens sábios, porque as reconhecço vedadas ao humilde raciocínio simplista de quem, como eu, jamais ouseu penetrar nos transcendentos problemas da Filosofia. De facto, nem os trabalhos há longos anos professados nesta Casa — nos sectores da Arqueologia, da Etnografia e da História — podem, rigorosamente, ser incluídos no vasto campo dos estudos filosóficos, nem o humilde representante da Colectividade, que eu sou, cultivou algum dia as profundas lucubrações e abstracções desta ordem de estudos.

E contudo, meus Senhores, ninguém poderá considerar inadequado este lugar para a realização da sessão de hoje, porque não sendo, na verdade, esta Casa um templo de Sócrates, de Aristóteles ou de Platão, nenhum ambiente com as tradições culturais desta Colectividade poderiam Vossas Excelências encontrar na Cidade de Guimarães melhor ou mais apropriado do que este para a vossa brilhante reunião.

Saudo pois os Senhores Congressistas, e, nestas minhas singelas palavras de boas-vindas, peço licença para destacar aqueles que, na presente sessão, nos vão transmitir as suas Comunicações — o Sr. Prof. Dr. Elías de Tejada, ilustre Catedrático da Universidade de Sevilha, a quem esta Casa já não é estranha, porque não há muito nos honrou com uma douta preleção, quando do Centenário de S. Martinho Dumiense; e o Sr. Dr. Francisco José Velozo, Jurisconsulto, historiador e medievista de assinalado mérito, nosso ilustre consócio, a quem esta Colectividade deve já inestimáveis serviços, no campo das relações culturais com a Associação Jurídica de Braga,

da qual ele é o activo e prestigioso Secretário. Para todos V.^{as} Ex.^{as} as nossas saudações cordiais, e à ilustre Comissão organizadora deste Congresso a perene gratidão da Sociedade Martins Sarmento pela honra que nos foi conferida.

Está aberta a sessão.



O Sr. Dr. Francisco José Velozo, Juiz Ajudante do Procurador da República e Secretário da Associação Jurídica de Braga, pronunciando a sua Comunicação sobre «O princípio da Causalidade e sua aplicação ao Direito» na Sessão de Estudos realizada na Soc. Martins Sarmento.

Deu em seguida a palavra ao sr. dr. Francisco José Velozo, sócio efectivo da Sociedade e Juiz Ajudante do Procurador da República, em Braga, que leu a sua tese sobre «O princípio da Causalidade e sua aplicação ao Direito».

Discutiu esta Comunicação o sr. prof. dr. Pessoa Vaz, de Coimbra, e o orador respondeu.



O Professor Catedrático da Universidade de Sevilha, Sr. Dr. Francisco Elias de Tejada, pronunciando a sua Comunicação sobre «António Ferreira en la Filosofia Política de la Contrarreforma» na Sessão de Estudos realizada na Sociedade Martins Sarmiento.

Seguidamente, falou o prof. da Universidade de Sevilha, dr. Francisco Elias de Tejada, sobre «Antó-

nio Ferreira en la Filosofia Política de la Contrar-reforma». Depois de ter saudado os congressistas portugueses como amigos, como irmãos, e de afirmar que também ele, tal como o presidente da Câmara de Braga, considerava Guimarães um santuário da Pátria portuguesa, ocupou-se largamente de António Ferreira, grande filósofo do século xvi.

Finalmente, o sr. coronel Mário Cardozo, congratulando-se com o brilho da sessão, declarou-a encerrada, após o que os congressistas regressaram à cidade de Braga».